

# **As Controvertidas idéias a respeito do conceito de Revolução Francesa no campo histórico.**

José Carlos Costa.

Graduando em História - Universidade Estadual da Paraíba/ UEPB

## **Resumo**

O texto a seguir propõe-se a discutir o teor de algumas falas a respeito do conceito da Revolução Francesa. Na primeira etapa é abordado como alguns autores dão um enfoque tão glamuroso a este evento a ponto de classificá-lo como um marco divisor entre a sociedade monárquica e ainda medieval para a sociedade capitalista industrializada. Já na segunda etapa do texto a preocupação está mais voltada para autores que enxergaram este fato como um acontecimento destituído de tanto significado para a sociedade moderna; isso por que mesmo após a tão aclamada Revolução Francesa, por alguns, a população européia permaneceu com as mesmas práticas que antes.

**Palavras chaves:** Revolução Francesa, Cultura, poder, palavra. Identidade.

## **Introdução**

Nas abordagens seguintes pode-se perceber que Miceli, em sua escrita, delega a Revolução Francesa um status de evento proclamador da mudança radical na sociedade francesa e conseqüentemente toda Europa, Burke traz a discursão da Revolução como detentor do juízo de vingança, Reis fala sobre a singularidade e autenticidade da Revolução e Borges versa sobre a idéia da Revolução efetuar a total separação entre o mundo em trevas para o mundo das luzes.

Jacques Solé atribui a Revolução apenas um acontecimento sem tanto significado que teve como mérito favorecer a uma minúscula parte da sociedade.

Solé diz que os idealizadores deste fragmentado movimento eram membros da Nobreza e que seus interesses eram notáveis, sobretudo, no que diz respeito ao poder. Miceli acha que de fato as grafias em maiúsculas de R. F são pertinentes para denotação de Revolução e que o projeto iluminista foi implantado na Europa após o 14 d julho de 1789.

Desta forma o texto apresenta esta dualidade de idéias a respeito de um fato que ao longo de séculos vêm causando discussões nos meios acadêmicos

### **Quadro teórico**

A Revolução Francesa escrita com R. F. tem causado profundos embates ideológicos entre o público estudioso deste fato. Os que outorgam tamanha importância a este acontecimento, a ponto de escrevê-lo com iniciais maiúsculas, pautam suas crenças no ideário de que a Revolução Francesa foi um marco divisor entre a sociedade ainda feudal e a sociedade capitalista. Neste sentido Miceli afirma:

*“A Revolução Francesa é considerada o modelo clássico de Revolução democrático burguesa, modelo talvez porque pode e deve servir de exemplo para as demais revoluções... clássico, talvez porque resistiu à deterioração que normalmente atinge os movimentos históricos... democrático, talvez porque por suas ordens (liberdade, igualdade e fraternidade) (tencionavam assegurar princípios de direitos a cada um)”* (MICELLI, p.45:1987).

Miceli pensa a trilogia de liberdade, igualdade e fraternidade atribuída à Revolução Francesa pelos burgueses como o advento de uma identidade cultural verdadeiramente iluminada pelas luzes da razão e destruidora de antigo modelo monárquico vigente até aquele momento. Modelo esse, capaz de fazer surgir uma nova História verdadeiramente justa, libertadora, culturalmente superior a todas as outras formas de se pensar a historicidade. *“Os filósofos da História queriam avaliar uma época segundo seus critérios e valores\*”*. (REIS, p.209: 2007). Neste sentido, as palavras de Reis validam a idéia de um evento restritamente singular e universal.

Os novos construtores da História desvalorizaram o uso da fonte histórica como embasamento teórico para o advento da Revolução, pois eram eles os maiores símbolos da história; eles eram as fontes mais verossímeis possível naquele momento histórico. Caberia aos novos pensadores deliberar o destino da humanidade, visto que esta passaria a tomar novos rumos, cabendo as gerações futuras a função de reproduzir os arcabouços culturais deixado pelos revolucionários.

A nova forma de pensar – CIENTÍFICA - proposta pelos filósofos iluministas ganha tom de eternidade nas palavras de Robespierre quando em sua fala afirma:

*“Queremos em resumo, satisfizer os votos da natureza, cumprir os destinos da humanidade, manter as promessas da filosofia, absorver a providencia*

*do longo reino do crime e da tirania... E que, selando nosso trabalho com o nosso sangue, passamos ao menos ver brilhar a aurora da felicidade universal*". (MICELI, p.46:1987).

Na verdade quem elabora o modelo dito como certo de pensar é a burguesia esclarecida. Com o intuito de se promover cada vez mais no poder, os ditos donos da luz para a humanidade aculturada caminhar iluminada e sem perigo de se embarçar nas idéias mitológicas e supersticiosas, pretendem cada vez mais se acentuar no poder.

*“Para os iluministas, a Idade Média e o Antigo Regime foram épocas de atrasos científicos, onde a fé cristã dominou o mundo de trevas”* (BORGES, p.29: 2005). O ideal de cultura veiculado pelos iluministas, idealizadores da Revolução, pregava que a partir daquela data quem não pensava de acordo com a proposta burguesa de revolução era pré-histórico e gótico, visto que agora o homem adquiriu novos contornos e novos significados; ele é tratado como um ser pensante e desprovido de quaisquer costumes vinculado a o Antigo Regime, que basicamente enxergava na figura do Rei a personificação de Deus.

O ideal de atraso racional, proclamado pelos revolucionários, é perceptível quando se verifica na França costumes ainda feudais, principalmente na questão dos dízimos impostos pela igreja Católica ao povo francês, embora não se possa falar de um país exclusivamente feudal por que a burguesia agrária já vinha sendo introduzida desde muito antes com os arrendatários de terra. Todavia o Estado era dividido em categorias diferentes:

1º Estado-Clero

2º Estado-Nobreza

3º Estado - Povo: Burguesia, trabalhadores, desempregados e camponeses - *sans culottes*; O terceiro estado (povo) era formado por 96% da população francesa que reunia diferentes grupos sociais.

Grande burguesia: Formada por banqueiros, empresários e poderosos comerciantes.

Pequena Burguesia: Formada por profissionais liberais e médios comerciantes.

Sans-culotte: Camada social urbana composta por artesãos, aprendizes de ofício, assalariados e desempregados marginalizados.

Camponeses: Eram os trabalhadores livres e semi-livres e os servos presos às obrigações feudais. O que é o terceiro estado? Tudo. Que ele tem sido em nosso sistema político? Nada. O que ele pretende? Ser alguma coisa. Falava os burgueses pretendentes ao poder.

Então no século XVIII a burguesia estava dominando o sistema financeiro, comércio e a indústria francesa de forma quase total, enquanto que os camponeses viviam sobre uma condição de extrema miséria, pagando altos impostos deixando-os cada vez mais

empobrecidos. “Assim, de um lado puxavam os antigos senhores feudais... do outro os arrendatários de terras... e mesmo alguns antigos nobres... puxa de cá, puxa de lá, uma ora a coisa se rompe” (MICELI, p.60:1987).

O que fazer com estes camponeses enraivecidos já que o ideal de fé era tão bombardeado pelo pensamento iluminista? Era necessário educar este povo, conscientizar, disciplinar, construir uma mentalidade sólida, a ponto de apaziguar os ânimos dos povos rurícolas, reivindicadores de melhores condições de vida. Ora, neste momento da história o modelo absolutista vinha sofrendo conseqüentes embates dividido a uma série de reformas, tanto no âmbito cultural quanto social. Uma dessas mudanças -fiscais - imposta pelo Estado obrigava o primeiro e o segundo Estados pagarem tributos.

No dia 5 de maio de 1789 houve uma sessão de concórdia; o Clero e a Nobreza queriam que o voto fosse por Estado, já a burguesia queria que o voto fosse por cabeça, assim sendo, os burgueses levaria ampla vantagem em relação às duas Classes anteriores. A discursão foi até o dia 17 de maio. Então em 9 de julho foi proclamada a Assembléia Nacional Constituinte.

*”Enquanto os políticos manobravam, a crise fazia crescer a miséria que alimentava o descontentamento popular... em 14 de julho de 1789, a multidão apoderou-se de cerca de trinta mil fuzis e alguns canhões e formou a milícia popular, dirigindo-se em seguida para a Bastilha, que era a fortaleza onde o rei trancafiava seus inimigos políticos”.* (MICELI, p.66:1987).



*Tomada da Bastilha marcou a Revolução Francesa*

Não obstante, a fome, miséria e a carestia que pairavam a cada dia a vida do homem do campo, onde o principal item da mesa do Francês – pão Francês- aumentou em mais de 150% e para piorar a situação dos camponeses, foi incutido na mente destes que grupos fortemente armados iriam invadir suas casas para provocar banditismos; foi a gota d’agua para esta classe se armarem de forma atônitas. A respeito desse ideal de identidade do povo europeu daquela época Peter Burke fala que “a hegemonia da pequena nobreza e da burguesia do século XVIII

*na Europa ocidental era expressa, acima de tudo, não na força militar, não nas mistificações dos sacerdotes ou da imprensa, mas nos rituais de juízos e de vingança” ( BURKE, p. 38: 2005).*

Em face de tamanha desordem social e desejo de vingança o Rei se apavora com a Revolução e tenta fugir de seu país, deixando a França mergulhada em uma verdadeira convulsão social. Porém ao atravessar as fronteiras entre França e Áustria Luiz XVI é reconhecido por guardas ligados aos revolucionários e em seguida reconduzido à Paris, onde presta contas de sua tentativa de fuga.

Em setembro de 1791 a França recebe sua nova constituição, a qual privilegia apenas grande proprietários de um bem cujo valor ultrapasse o equivalente 150, 200 ou 400 jornadas de trabalho. Esse critério privava a maioria da população, pois estava empobrecida devido a uma série de exploração sofrida ao longo de sua existência.

E o Rei? Há! Ele estava tramando uma guerra contra a Áustria com o propósito de que os austríacos invadissem Paris e derrotassem as forças revolucionárias, e assim se achasse livre para governar.

Miceli tributa a Revolução Francesa o estágio de gigantesca empresa política; segundo o estudioso deste período foi a Revolução a responsável pela criação dos partidos políticos, que ainda hoje perdura no meio social e praticamente todo mundo ocidental.

*”Cada um desses grupos e subgrupos - como ocorre hoje com os grandes partidos políticos - dividia-se, por sua vez, em tendências que influenciaram ou foram influenciadas pelos avanços e recuos da revolução” (MICELI, p.80:1987).*

E ainda tenciona em afirmar que foram as forças partidárias que elaborou o projeto político para a realização desta grande revolução.

O que fazer com o Rei em meio a tamanho burburinho? Julgá-lo aos moldes da França em fúria revolucionária. É aí onde aparece a importância da palavra. É ela: A PALAVRA, quem praticamente dá o veredito final ao seu Rei = Deus, isso por que a palavra passou ocupar um espaço preponderante na sociedade francesa, personificada principalmente na figura de Robespierre, um dos maiores faladores da Revolução. Foi então que no dia 11 de dezembro de 1792 o Rei Luis XVI é interrogado pelo parlamento. Em 21 de janeiro de 1793 ele é julgado à morte na guilhotina; invenção do médico Guillotin.

Após diversas disputas pelo total domínio do Estado francês, morre em 13 de julho de 1793 um dos principais líderes da revolução: Marrat. Figura que até então era ovacionada pelo povo, isso lhe rendeu o título de amigo do povo. No ano seguinte foi a vez do incorruptível

Maximiano Robispierre ser guilhotinado. Ele foi acusado de hipnotizar a nação. Era a Revolução devorando seus próprios filhos.

Já a Revolução Francesa pensada por Jacques Solé, parte do princípio de que esta efervescência racional difundida pelos iluministas, principais idealizadores deste evento extremamente fragmentado, era um pensamento filosófico limitado apenas para a Nobreza esclarecida. A prova disso é que em pleno século XVIII os livros mais lidos, quando se lia, tinham um conteúdo voltado à questão religiosa, o povo continuava vinculado ao mundo sobrenatural, fantástico e mágico.

*”A Nobreza esclarecida era o único grupo da população capaz de compreender e patrocinar a filosofia das Luzes. Não lhe faltou com o seu apoio, foi a ela que os grandes escritores do século XVIII deveram o essencial de seu sucesso”* (SOLÉ, p.18-9: 1989).

De certa forma, o total desinteresse a respeito da Revolução por parte das classes burguesas de baixo domínio científico é atribuído ao fato deles ignorarem este acontecimento, pois a maioria dos temas abordados pouco tinha a ver com o cotidiano do povo, respeitadores dos hábitos familiares e patriarcal. Então as luzes tornaram-se uma exclusividade aristocrática e nobre, onde esta classe esbanjava seu esnobismo de razão e esclarecimento.

Como a proposta iluminista era implantar na sociedade uma nova concepção cultural, trataram por travar uma feroz batalha contra o folclore rural, pois consideravam esses costumes bárbaros e sem sentido. O racionalismo ataca antes de tudo os costumes da maioria dos franceses, visto que a grande maioria da população residia na zona rural, ambiente em que esta tradição era praticada com maior notoriedade. Em face de essa celeuma de idéias Solé afirma:

*”Os cadernos de 1789 refletirão essa heterogeneidade dos espaços culturais e o lugar irrisório que eles ocupam, em termos quantitativos, o pensamento das luzes. A imensa maioria da população francesa, em suas próprias paróquias, continuava alheia a ele”*. (SOLÉ, p.20: 1989).

Embora o reinado de Luis XVI tivesse deixado certa incredulidade no meio social, uma das maiores cerimônias eram as missas e procissões, onde o povo, principalmente rural, via a possibilidade de unificar o corpo social e o cajado do Rei. Mesmo antes e depois de 1789, e por muito tempo ainda, o público rurícola praticava os sacramentos da Igreja católica sem o

menor receio de tal prática, pois a fé católica permeava de maneira direta as mentes da população camponesa francesa.

O maior exemplo de total aceitação do cristianismo é quando um grande número de incrédulos se converte a fé cristã e como conseqüência é celebrado o jubileu de diamante; reedição de diversas obras de caráter religioso, visto que a maior proposta era nutrir uma religiosidade simples e sem afetação ao discurso das luzes - científica-. Mais uma laicização da santidade ocorre quando o Estado incentiva o povo do campo construir várias capelas ao redor das grandes Igrejas. Então, são esses e outros hábitos religiosos que insuflam o camponês contra a proposta de cientificidade, entre os principais adversários estavam as mulheres.

Portanto, é notável que o tão glamuroso racionalismo foi obra apenas do desenvolvimento dos valores aristocráticos, em que estes impunham uma nova cultura contra todas as aspirações tradicionalistas da imensa massa do povo Francês, muito alheio, por exemplo, aos encantos da libertinagem.

Em 1971 Robert Darnton fala que tratar a Revolução Francesa como um marco divisor entre a Idade Moderna e Contemporânea é uma tese, clássica, extremamente superada, pois era uma ideologia apenas elitista que não atraia o povo do campo. Era uma idéia de reforma liberal e políticas, destinada a preservar a hierarquia e não destruí-la. *“Voltaire, em seu dicionário, relacionava as luzes com os” espíritos privilegiados “e as opunha a mentalidade das famílias burguesas”*. (SOLÉ, p.24, 1989).

Como afirma Daniel Roche, as academias da França provinciana eram repletas de pequenos grupos de intelectuais locais com objetivos políticos delimitados, formando uma sociedade entre a aristocracia e burguesia com interesses administrativos e utilitários.

Então, associar as luzes da razão científica a um patamar de grande Revolução ideológica que nada tinha em si mesmo de temível para o modelo tradicional de sociedade é no mínimo anacrônico e descontextualizado, pois uma verdadeira Revolução deve ter todos os elementos que una o Estado e a sociedade.

Solé faz uma observação em relação à queda do Antigo Regime, quando versa a respeito dos demolidores deste sistema de governo, que eram homens que outrora simpatizava o velho modelo de Estado também valorizavam um paraíso terrestre. Eles admiravam e acreditavam de forma obstinada na intervenção divina no rompimento ocorrido em 1789, onde enxergavam um sinal de anunciador da reintegração que antes pregavam.

Então, pode-se perguntar: A Revolução Francesa foi de fato um evento delimitador entre a sociedade mística, gótica? A racionalidade que os Iluministas proclamavam era

perceptível entre o público da época? Cabe ao amigo leitor tirar suas conclusões a respeito desse fato que tantos autores ovacionam e outros tantos criticam.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS:

- MICELI, Paulo. As revoluções burguesas: A Revolução Francesa do século XVIII. São Paulo. Atual editora Ltda, 1987.
- SOLÉ, Jacques. A Revolução Francesa em questões: Um triunfo das Luzes?. Rio de Janeiro, 1989.

- BURKE, Peter. O que é história cultural? Tradução; Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- REIS, José Carlos. História & teoria: modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- BORGES, Vavy Pacheco. O que é história: coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 2005.